
DIÁLOGOS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES LEITORES A PARTIR DE UMA VIVÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA

Márcia Mariana Santos de Oliveira*

Ana Maria Moraes Scheffer**

Apresentação

Este texto relata a realização de uma oficina de leitura literária desenvolvida com a equipe docente de uma escola pública municipal de Juiz de Fora em uma reunião pedagógica. Essa oficina foi planejada no âmbito do projeto de extensão denominado “Leituras e Leitores” em interface com a pesquisa do grupo Linguagem, Infâncias e Educação – LINFE – da Faculdade de Educação da UFJF. O intuito desse projeto é apoiar as escolas públicas em um dos seus principais desafios: a formação de leitores.

O texto literário utilizado na realização da oficina foi o conto “Um Apólogo”¹ de Machado de Assis. Essa obra apresenta um diálogo entre uma agulha e um novelo de linha, no qual é discutida a importância do trabalho realizado por esses objetos na confecção de um vestido. Na tentativa de provocar nos professores o interesse pela leitura do livro, procuramos transformar o ambiente da biblioteca da escola em um espaço de vivência de leitura literária. Para tanto, foi preparado um espaço acolhedor na biblioteca onde foram colocados alguns artefatos que remetiam à história do livro, buscando, dessa forma, sensibilizar os professores para participarem desse encontro entre texto e leitor, além de acionar suas memórias. Durante a leitura, nós, no papel de mediadoras, lemos o diálogo proposto pela história,

*Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Mestre em Educação pela mesma instituição. Professora dos anos iniciais do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. E-mail: mmariana-oliveira@bol.com.br

**Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Mestre em Educação pela mesma instituição. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFJF. É professora da rede municipal de ensino de Juiz de Fora. E-mail: anamscheffer2@gmail.com

¹ Apólogo, do grego apólogos, trata-se de uma narrativa em que as personagens são seres inanimados e apresentam uma lição de moral como conclusão. Trata-se de uma história de vaidade e ciúmeira que ocorre dentro da caixinha da costureira, no balaio das mucamas. Uma agulha e uma linha travam uma polêmica e acalorada discussão sobre a importância que cada uma delas tem na costura de um vestido para a Baronesa. Com um toque de humor, o autor apresenta um interessante desfecho para o impasse das personagens, o que nos leva a uma reflexão sobre a vida.



provocando no leitor sensações múltiplas e o encantamento pela narrativa conforme foram apontados em alguns depoimentos dos docentes. Na sequência, iniciamos uma conversa com os professores a fim de saber quais foram os sentidos atribuídos por eles ao texto e à vivência que tiveram, o que suscitou reflexões sobre o trabalho coletivo realizado na escola e a formação do leitor literário.

Com base em estudos desenvolvidos por Vigotski e por autores que tratam do tema da leitura literária, entendemos que é preciso proporcionar vivências literárias aos professores para que esses possam perceber a necessidade de se ocuparem não somente da aprendizagem dos conteúdos curriculares, mas também de ampliarem o repertório cultural e promoverem a educação estética dos alunos através da literatura.

Caracterização da Escola

A escola onde foi realizada a experiência de leitura literária com os professores está situada na zona nordeste de Juiz de Fora e pertence à rede pública municipal de ensino. Atualmente, atende 13 turmas: sendo 2 da Educação Infantil, 9 do Ensino Fundamental e 2 de Educação de Jovens e adultos – EJA –, num total de 251 alunos. Vale esclarecer que a maioria dos alunos reside no entorno da escola e é oriunda de famílias com condições socioeconômicas desfavoráveis, o que contribui, de certa maneira, para que as crianças tenham poucas oportunidades de vivenciar de modo efetivo atos de leitura e de escrita no ambiente familiar. Logo, o acesso à leitura e à escrita se dá de forma mais efetiva no espaço escolar. Daí a relevância de se desenvolver, nesse contexto, uma formação docente que ofereça aos professores a oportunidade de viver experiências estéticas que alarguem o seu horizonte literário, para que isso tenha implicação no trabalho que realizam com os alunos desta escola. Nela trabalham 43 professores com formação em diferentes áreas, sendo 17 efetivos e 26 contratados.

Fundamentação teórica

Estando presente nos espaços escolares, a literatura, uma produção cultural e artística, cumpre um papel fundamental, pois contribui para o processo de escolarização da criança, possibilita a experiência estética e a formação do leitor literário, além de ampliar o universo cultural, a sensibilização estética, o contato com diferentes linguagens, o imaginário, o fantástico, o poético e a formação humana da criança. Dessa forma, se a criança, fora do



contexto escolar, não tem a oportunidade de participar de situações criativas com a linguagem, é necessário que a escola se sinta responsável por proporcionar-lhe a formação literária.

Nessa direção, ao pensarmos no desenvolvimento de práticas significativas de leitura literária e nas mediações com os textos literários realizadas na escola, podemos contar como principais mediadores, nesse processo de formação de leitores literários, os professores e os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares. Ainda que seja constatada a dificuldade da escola em cumprir a sua tarefa de formar leitores literários, esse direito precisa ser garantido às crianças. É reconhecido que, de modo geral, a convivência contínua e despretenciosa com textos literários e com as artes alimentam a fantasia e a construção de outras visões da realidade. Assim, cabe indagar: os professores e as professoras estão ampliando os seus repertórios literários para ampliarem o repertório literário de seus alunos? A formação docente tem se voltado para o desenvolvimento de práticas estéticas que instrumentalizam os professores a mediar a relação dos seus alunos com o texto literário?

Pesquisas realizadas por Paiva e Maciel (2008), Souza e Silva (2008) e Paiva (2012, 2015), em que são discutidas questões sobre a formação de professores leitores, apontam a necessidade de dispormos de uma política efetiva de formação de leitores acompanhada de investimentos na formação de mediadores de leitura que busque minimizar o distanciamento existente, muitas vezes, entre os professores e a literatura. Assim, para que os docentes propiciem aos seus alunos vivências de leitura literária com o intento de aproximá-los da literatura, é importante que, antes, eles se constituam como professores leitores.

Uma das possibilidades de se efetivar a formação leitora dos professores é oferecer-lhes uma formação docente em que sejam incluídos conteúdos e estratégias que possam torná-los bons leitores não só de literatura como também de outros gêneros. Conforme defende Silva (2009), a identidade do professor é a leitura. A leitura é como se fosse uma forma de ser e de existir do professor, o que faz com que as palavras *professor e leitura* se tornem termos inseparáveis.

A mediação da leitura literária requer trabalho sistemático, protocolos, práticas e o reconhecimento dos diferentes modos de ler o texto literário, permitindo ao leitor identificar o que venha a ser a literatura. Desse modo, os professores que atuam junto aos discentes e trabalham com a literatura precisam entender que a mediação docente é primordial para a formação de leitores.

Para pensarmos sobre o conceito de mediação tomamos como base para as nossas reflexões a teoria histórico-cultural que tem como um de seus representantes Lev Semiovich



Vigotski, o qual desenvolveu estudos acerca dos conceitos de vivência e mediação. Esses conceitos contribuem para compreendermos a importância do professor como mediador das relações interpessoais e intrapessoais proporcionadas nos encontros com a literatura. Além disso, a escola é vista como o lugar em que os textos literários podem ser considerados um instrumento psicológico que vai atuar internamente, promovendo a formação de novas funções psicológicas superiores nos sujeitos envolvidos nesse processo.

O conceito de mediação presente na obra de Vigotski aborda as suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo histórico-cultural. Tal conceito nos aponta a noção de que o ser humano, em suas diferentes relações com o mundo que o cerca, em suas vivências, não entra em contato direto com o objeto ou o conhecimento, há a necessidade de um acesso mediado. Toda relação do homem com o objeto e/ou o conhecimento é uma relação mediada por instrumentos, signos e pelos vários sujeitos que se constituem como interlocutores de forma interligada. A diferença entre eles consiste na maneira como cada um orienta o comportamento humano (PINO, 1985).

A literatura, para se tornar verdadeiramente um objeto cultural, precisa ser lida e considerada pelo leitor em sua completude como movimento de expressão e comunicação, de busca pelo outro. Entretanto, para que existam leitores e a provocação pelo desejo de ler, é necessário que tenhamos contextos socioculturais favoráveis, livros, mediações e mediadores de leitura. Os mediadores de leitura são aqueles que realizam o convite à leitura, ato que implica criação, recriação, negociação dinâmica de sentidos e significados entre textos e leitores.

Na escola, a mediação da leitura deve ser feita pelo professor, que, antes de tudo, deve se constituir leitor. Os profissionais que atuam nas escolas precisam assumir o compromisso com a formação de crianças leitoras desde a Educação Infantil, sendo para isso necessário desenvolver atitudes de envolvimento efetivo na organização de espaços, tempos e materiais de leitura a serem apresentados às crianças.

Para Vigotski (2010), a incorporação das crianças à experiência humana e culturalmente construída perpassa pela educação, mais especificamente pela educação estética. Toda cultura humana é construída a partir das relações entre sujeito e meio, na unidade das vivências. A natureza da nossa vivência estética é constituída a partir dos estímulos estéticos que são vinculados às impressões externas ou interferências sensoriais que a obra de arte ativa no organismo humano.

Sendo a literatura uma arte, podemos pontuar que ela exerce uma atividade complexa de produção e de compartilhamento de sentidos e significados entre sujeitos históricos e



culturais. Isso significa que, no momento da leitura, da vivência estética, empreendemos um jogo dinâmico de tensões que conjugam os polos do leitor com o das mediações socioculturais entre esse leitor e o texto literário. Este ato possibilita a criação e a recriação dos sentidos, a mobilização dos desejos, da razão, dos afetos, da emoção, da sensibilidade e de outras dimensões que aproximam o leitor de si mesmo, dos outros e do mundo, como também contribui para a constituição dos próprios sujeitos envolvidos nesse processo de formação de leitores literários.

Descrição da experiência

A escolha do conto machadiano “Um Apólogo” para ser lido no momento da reunião pedagógica da escola se deu em um dos encontros do Grupo LINFE. Na ocasião, foi feito o planejamento das ações que seriam desenvolvidas para a realização da oficina literária. A leitura foi ensaiada por nós para que fosse feita de forma agradável e sedutora, pois o intuito era compartilhar e provocar emoções. Como o conto apresenta o diálogo entre a linha e a agulha, realizamos a leitura do texto em forma de teatro lido, pautando-nos nos turnos de fala de cada personagem.

Cabe esclarecer que, antes da realização da oficina na biblioteca da escola, foram dispostos sobre uma mesa alguns artefatos que remetiam de forma simbólica à narrativa do livro. Foram colocados uma colcha de fuxico, linhas, tesoura, agulhas e livros do escritor Machado de Assis. O objetivo de colocarmos esses artefatos foi evocar inúmeras memórias, narrativas e convidar os professores a pensarem o espaço como forma de humanização dos sujeitos. Antes da leitura do conto, foi perguntado aos professores a que remetiam tais objetos que foram colocados sobre a mesa. Foram ditas as seguintes palavras: memórias, ateliê, aconchego, criação, coletividade e união, infância.

Após o texto lido, alguns professores deram depoimentos afirmando que em algumas situações do cotidiano nos encontramos em condições que ora somos agulha, ora somos linha. Outro destacou que o ser humano não faz nada sozinho, que uma pessoa vai abrindo caminho para a outra e acabam fazendo tudo junto, principalmente no espaço escolar. No decorrer da conversa, uma professora apontou que se sentiu envolvida com a história, ficou pensando que queria ser a linha e ficou encantada pelo modo como a narrativa foi conduzida por nós.

Em seguida, conversamos sobre algumas questões relacionadas à leitura de textos literários. Uma professora pontuou que a prática da leitura literária não acontece na escola por conta da quantidade de conteúdo que os professores têm que ensinar e, por isso, é sempre



“deixada de lado, em um cantinho e para depois”. Essa fala nos leva a pensar sobre o papel que a literatura tem ocupado nas escolas, o tempo de desenvolvimento do processo de formação do leitor literário nas rotinas de cada sala de aula e os espaços em que são feitas as mediações de leitura no contexto escolar. Nos anos iniciais há o compromisso com o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita enquanto aquisição de uma técnica voltada para a decifração do código escrito e, nos anos finais, com o domínio dos conteúdos específicos de cada disciplina. A razão disso talvez esteja no fato de que “a leitura exercida na escola costuma ter um ritmo próprio, controlado pelos programas de ensino e pelos desenhos curriculares”. (SILVA E MARTINS, 2010, p.27).

Em meio às discussões sobre o conto, verificamos que em um universo de 22 professores presentes na reunião, apenas dois leem livros de literatura constantemente, sendo que um deles ressaltou que tem contato com a literatura e com livros infantis por conta dos filhos. Outros sinalizaram que leem livros espíritas, a bíblia e de conhecimento. Diante disso, percebemos que as leituras feitas possuem, de modo geral, um caráter utilitário, vinculadas à necessidade do trabalho a ser desenvolvido em suas turmas, não havendo, pois, espaço para a fruição estética e o prazer de ler. Os textos religiosos tiveram presença no relato dos professores, apresentando outro aspecto importante a ser considerado.

Apontamos ainda, no decorrer do diálogo que foi estabelecido com os professores, a necessidade de se conhecer a história dos livros antes de lê-la para as crianças, pois temos que estar preparados já que podemos ser surpreendidos diante da curiosidade infantil. Sobre isso destacamos a existência de acervos de livros de qualidade no espaço da biblioteca escolar, que são distribuídos pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE –. Além disso, ressaltamos sobre o encantamento com a história, pois só conseguiremos sensibilizar e encantar nossos alunos se também tivermos nos sensibilizado.

Em face do exposto, destacamos a relevância do professor também ser leitor para que possa ser mediador de leitura. A fala desses professores reafirma a nossa defesa pela criação de políticas públicas de formação de mediadores de leitura, de formação docente que inclua experiências estéticas e da necessidade de a escola assumir o seu papel de principal instituição responsável pela imersão e participação de crianças e adolescentes nas práticas sociais de leitura e escrita em nossos dias, de modo específico, a prática de leitura literária.

Avaliação dos resultados



A proposta de realização de leitura literária com os professores na escola configurou-se como uma alternativa possível de desencadear a aproximação dos docentes com a literatura de forma descompromissada e prazerosa. O contato dos docentes com o texto literário fomentou a reflexão crítica sobre o lido e o vivido no contexto escolar e fora dele.

A estratégia de leitura utilizada pelas leitoras foi essencial para despertar a sensibilização dos professores, pois muitos disseram que foram afetados pelo texto devido o modo como a leitura foi feita. Em função disso, após a realização desta vivência literária, os docentes foram estimulados a fazerem outras leituras de textos literários nas próximas reuniões pedagógicas previstas no calendário escolar. Outro aspecto a ser considerado foi a oportunidade de oferecer condições para que os professores lessem durante o seu trabalho e de tornar a biblioteca um espaço de leitura coletiva de textos.

A partir dessa oficina, pudemos perceber que esse diálogo tecido entre escola e academia nos faz crer que estamos construindo um terreno comum, que não pertence apenas à escola e nem somente ao mundo acadêmico porque é a construção coletiva de um novo território.

Considerações finais

Em vista do que foi exposto, consideramos que os professores que se comprometem, continuamente, a investir na sua própria formação literária e na de seus alunos, permitirá que a literatura desempenhe a sua função estética, ética, criando uma interação de liberdade e de prazer entre texto e leitor.

A linguagem literária materializada num objeto artístico nos apresenta um diálogo de várias linguagens por ter sido construído a partir de outros discursos, de outras vozes que ajudaram a construir a voz do narrador. Diante disso, vale considerar a possibilidade instaurada de o professor leitor diante de uma obra literária também participar desse processo dialógico ao interagir com o autor, com as personagens e de produzir uma multiplicidade de leituras e de sentidos provocados pelo texto literário.

Perante isso, acreditamos ser condição *sine qua non* pensar a escola não como a única, mas como a principal instância responsável pela formação literária, no sentido de garantir o direito das crianças e jovens a essa formação. É fundamental considerar também a importância do papel dos principais agentes mediadores nesse processo de formação de leitores literários, os professores e os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares, pois esse trabalho conjunto é primordial no sentido da escolha das propostas, da forma, do tempo,



do lugar e da perspectiva em que essa mediação será conduzida. É necessário, portanto, pensarmos na dimensão estética da formação de professores, pois a educação estética nos provoca estesia, no sentido de que nos impacta e afeta, aguçando nossa capacidade de olhar e posicionar no mundo de forma sensível e ética.

Referências

ASSIS, M. *Um Apólogo*. São Paulo: Editora DCL, 2003.

MACIEL, F.; PAIVA, A. Discursos da paixão: a leitura literária no processo de formação do professor das séries iniciais. In: PAIVA, A. et. al. *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo horizonte: Ceale; Autêntica, 2008, 111-126.

PAIVA, A. Políticas públicas de leitura: pesquisas em rede. In: PAIVA, P. (org.) *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola - distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2012, 13-37.

_____. PNBE: seleção, distribuição, circulação e usos de livros de literatura na Educação Infantil: uma política em (re)construção. In: BAPTISTA, M. C. *Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações*. Brasília: MEC, 2015.

PINO, A. *O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano*. Caderno Cedes. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Editora Papirus, 1985.

SILVA, L. M. S.; SOUZA, G. M. A. Leitura compartilhada: um momento de prazer na formação de professores-leitores. In: PAIVA A. et al. *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

SILVA, M. C.; MARTINS, M. R. Experiências de leitura no contexto escolar. In: PAIVA, Aparecida, MACIEL, Francisca, Cosson, Rildo (Orgs.). *Literatura: Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p.23-40.

SOARES, M. B. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: Evangelista, A. A. M. et al (Orgs.). *A escolarização da leitura literária*. p. 17- 48. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *Psicologia Pedagógica*. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

